

PROJETO REDAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Nome: _____ N.º: _____

Turma: _____ Professor(a): Fabiana Flor Data: ____/____/2026

Unidade: ☐ Cascadura ☐ Mananciais ☐ Taquara

Resultado / Rubrica

TEMA 6 – 3º BIMESTRE

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O texto definitivo deve ser escrito em até 30 linhas e 4 parágrafos.
2. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
3. Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:
 - 3.1. tiver até 20 (vinte) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
 - 3.2. fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 3.3. apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

Textos Motivadores

COMO AS NORMAS SOCIAIS MOLDAM E LIMITAM A SUBJETIVIDADE FEMININA?

MODELO UERJ

Texto 1- O cotidiano como prisão simbólica da mulher.

No conto Amor, Clarice Lispector constrói uma narrativa silenciosamente intensa a partir da rotina de Ana, uma mulher que aparenta viver em harmonia com os papéis sociais que lhe foram atribuídos: esposa, mãe, dona de casa. Tudo em sua vida parece estar no lugar. Ela "tinha o que amar" e "era feliz" — mas justamente essa normalidade excessiva revela-se, aos poucos, como uma prisão simbólica. Ana não é incentivada a pensar em si; pelo contrário, qualquer reflexão mais profunda pode ameaçar essa "felicidade" baseada na conformidade. Como Lispector escreve: "Era uma pessoa feliz, e não se devia pensar nisso, sob pena de deixar de ser feliz."

Essa construção literária denuncia como normas sociais podem moldar a mulher a ponto de ela nem se perceber mais como sujeito. Ao internalizar os modelos de comportamento que a sociedade espera — o cuidado com os filhos, a casa impecável, os pequenos gestos de amor doméstico —, Ana se distancia de sua própria interioridade. O eu feminino, nesse contexto, não é negado de forma explícita, mas silenciado pelas exigências do dia a dia.

O conto sugere, portanto, que a subjetividade feminina, quando moldada pelas expectativas de uma sociedade patriarcal e tradicional, não desaparece, mas se esconde sob camadas de repetição e obediência. E é exatamente esse "despertar" inesperado, provocado por um encontro com o outro — o cego que mastiga chicletes no Jardim Botânico — que abala o sistema simbólico em que Ana está inserida.

Texto 2 – O instante de ruptura e a emergência do desejo.

Clarice Lispector é mestre em capturar momentos mínimos que desencadeiam abalos profundos. Em Amor, um simples encontro com um homem cego que mastiga chicletes faz com que Ana, a protagonista, se desconecte de sua rotina automatizada. Esse instante aparentemente banal assume um peso simbólico: é o ponto de ruptura entre o papel social que ela ocupa e a consciência do vazio que esse papel oculta.

A figura do homem cego representa o imprevisto, o que está fora da ordem, o que não se encaixa no mundo organizado de Ana. Ele está à margem da sociedade e, por isso mesmo,

desestabiliza a mulher que vive no centro das convenções. Ao vê-lo, Ana sente “um sentimento de desordem” invadi-la. Pela primeira vez, ela experimenta o caos, o descontrole, a sensação de que existe um mundo para além das grades invisíveis de sua vida.

Essa experiência tem força suficiente para fazer emergir sua subjetividade adormecida. Ana passa por uma pequena crise existencial: vaga pelas ruas, sente culpa por sair de seu roteiro, e se confronta com o absurdo da vida. O conto não apresenta um clímax explícito, mas uma epifania silenciosa: o desejo — de liberdade, de autenticidade, de vida própria — começa a surgir. Porém, a personagem logo tenta apagar o rastro dessa rebelião silenciosa ao retornar à sua casa, aos seus filhos, à noite “recomposta”.

O conto questiona, assim, até que ponto uma mulher pode ser ela mesma quando tudo ao seu redor a força a representar um papel. O “despertar” de Ana é interrompido, mas permanece como uma rachadura na superfície da normalidade.

Texto 3 – O papel da mulher e o silêncio das subjetividades.

A literatura de Clarice Lispector, em especial no conto Amor, traz à tona um dos grandes dilemas enfrentados pelas mulheres no século XX — e ainda hoje muito presente: o apagamento da subjetividade em nome do cumprimento de papéis sociais pré-definidos. Ana é uma mulher que “tinha o que amar”, que desempenhava bem suas funções familiares, mas em momento algum é descrita em relação a si mesma, a seus próprios desejos, vontades ou projetos. Seu “eu” parece sempre voltado para fora — para os filhos, para o marido, para a casa.

Essa ausência de uma voz interior, que se faz notar apenas quando algo desestrutura a rotina, é um forte indicativo de como as normas sociais silenciam subjetividades. O mundo diz quem a mulher deve ser: cuidadora, recatada, obediente, discreta. Ana não questiona essas normas, porque elas foram naturalizadas em sua vida — até que, inesperadamente, a visão do homem cego provoca um colapso simbólico.

A ruptura vivida por Ana remete a muitas mulheres que, ao longo da história, foram levadas a suprimir seus desejos em nome da estabilidade familiar e da imagem social. O conto nos convida a pensar: quantas subjetividades femininas não são apagadas todos os dias sob o peso da rotina e das expectativas sociais? Quantas “Anas” existem por aí, vivendo em silêncio, com um mundo interno abafado por tarefas e obrigações que não lhes permitem respirar?

PROPOSTA DE REDAÇÃO- Com base na leitura dos textos motivadores e em sua interpretação do conto “Amor”, de Clarice Lispector, redija um texto dissertativo-argumentativo respondendo à seguinte pergunta-tema: Como as normas sociais moldam e limitam a subjetividade feminina?